

Alexandra Vieira
de Almeida

A negra cor das palavras

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E CAPA: Karina Tenório

REVISÃO: Claudia Manzolillo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V658n ALMEIDA, Alexandra Vieira de. –
A negra cor das palavras / Alexandra Vieira de Almeida –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.
102 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-624-6

1. Poesia I. Título.

CDD: B869.1

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

SOBRE A BELEZA DO NEGRO

A negritude em sua essência
não igual ao branco da página
mas à construção do sentido
ao verbo em toda sua inteireza

Nas cavernas da memória/esquecimento
o negro se traduz nas pinturas mais inusitadas

Os complementos como num jogo de xadrez
num duelar mais original, sem mortes súbitas
mas as peles que se revestem
na conjuntura do mundo

As faces se intercalam
murmurando um mosaico de vozes

O branco e o negro
são a mistura
que convive no meu peito aceso
pela chama da miscigenação
pela vida que se abisma em mar de desejos

As peças são moldadas pela visão
de um paraíso em sol do sim
de um deserto/cidade

atropelados pela memória cinzenta
que obscurece as lãs das nuvens mais velhas

Quero o retrato em preto e branco
posto ao meu lado
para me lembrar de minha negritude
que se enrola nos meus cachos negros
e no meu nariz de batata

Vivo o agora
que é a tintura claro-escuro
do final da tarde, unindo os dois versos
as duas cores paridas pelo sol e pela lua
pelo dia e pela noite

O meu verso tem que ser força negra
que não arraste o branco da página
para o caos
mas para uma ordem
dos amantes
do fraterno jogo que irrompe do vazio
fazendo-se lenda da eterna palavra.

TULIPA NEGRA

Ela era a noite
Escondia-se do sol
Em momentos de lascívia
Na soturna espera dos sentidos
A cor adestrava a vagueza da letra morta
Era cor viva não tal qual sangue
Mas absoluta na sua morbidez de vida

Latejava as duplas montanhas da sorte
Em bebericar a lua numa espera de sol
O encontro era na caverna noturna dos corcéis
Que se atropelavam feito lendas de escorpião

A flor era o segredo da noite
A faiscar bolhas de palavras
Na pele, a sonolência do sol
A sombra desaparecia, pois não era resto
Era plenitude açoitada na fonte

No longínquo mapa do toque
A vastidão do fundo do mar
Em adentrar aquele rosto escuro da beleza
Em pleno despertar das coisas eternas.

A NEGRA COR DAS PALAVRAS

A negra cor das palavras,
rasgando minha pele abismal

No sono dos mortais,
encontro a imortalidade da chama
que queima o corpo da manhã

Na noite dos apaixonantes véus,
o delírio do verso esférico
como a bola da lua em cristal de espumas

Não digo o verbo de espinhos
qual sangue que fere o tempo
Digo a palavra bruta
que tece os terçóis do sol

Na languidez do mapa,
o itinerário das negras letras
a faiscar um caminho para o Paraíso.

LUMINOSIDADES

Com a urdidura do sol
teço com seus fios
uma amizade vindoura
que traz como esconderijo
o canto dos pássaros azuis

Na amizade fabricada pela luz
a mensagem não está fadada ao fracasso
mas à vitória de mares profundos

O sol vem com um sorriso de lua
a sombra desaparece ao meneio
de uma experiência sagrada
Uma mandala de rosas
perfura o chão da dureza

Nasce o poema da amizade celeste
em que astros brincam com o vento
Entoadada por cantos fortes
esta alegria tece uma cidade submarina
em que tesouros trazem
a experiência de nuvens prenes de luminosidades

Mas a escuridão cala a boca do sol
E a luz é apenas parcial, mesclando os seres perfeitos.

FLORESTA NEGRA

Labirintos de folhas na escuridão
Cercavam meu caminho
Queria uma rota em fuga para o farol
Ao longe a vida brava me escoltava

Certa de minha falha
Buscava o consolo dos elefantes
Na minha mente imaginária
Era a febre que não calava meu medo

Uma floresta petrificada
Em lavas negras de pesadelos
A amordaçar o vento interno de meu verso

Saem as letras vadias nos meus rabiscos
É o amanhecer a brincar com a madrugada nada
O instante impuro de meus versos límpidos.

NOSTALGIA

Ah, esta lua latina
faz-me lembrar da minha infância
dos livros que não li ao brincar
com a lua ao avesso

Amarroto as roupas gastas
Quero a tinta fresca dos astros
que colorem a minha boca pequena

A angústia a costurar
um retrato de coisas vãs
Em preto e branco
busca o colorido do arco-íris

O céu se cobre de nuvens cinzentas
Os pingos de letras se adensam na terra
amalgamando a transparência de uma noite vaga
com a escuridão de pequenos seres subterrâneos
como se no risco da nostalgia
eu olhasse o espelho de minha face híbrida.

EDITOR A

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R A

E-mail: [alealmeida@76 gmail.com](mailto:alealmeida@76gmail.com)
Facebook: [alexandra.vieiradealmeida](https://www.facebook.com/alexandra.vieiradealmeida)

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em novembro de 2019.
